

O Século XXI África Aposta no Futuro?

Fernando Campos

Docente
da Universidade
Lusófona
de Humanidades
e Tecnologias,
Lisboa-Portugal

Investigador
da Linha
de Investigação
em Africanologia
e Lusofonia
UEICTS
ULHT

RESUMO

O século XXI, é o período das grandes oportunidades para o Mundo, em especial para o Continente Africano.

Com o final do século XX, o Mundo despediu-se do “Homem Velho”, procurando renascer para uma nova etapa.

Terminadas as duas grandes catástrofes que assolaram o Mundo, em especial a Europa – I e II Guerras Mundiais, terminado o processo de Independências Africanas, é chegada a hora de criar pontes que elevem a dimensão humana deste “Planeta Azul” à mais alta esfera da dignidade humana.

Esta ponte, permite que seja para os países com maiores dificuldades – como é o caso dos Africanos, possam ver nessa mesma ponte um espaço privilegiado de oportunidades.

A intensificação das apostas por parte de África na formação de quadros, a boa governação, o combate à pobreza, a gestão de conflitos, o respeito pelos direitos humanos, poderão ser sinais dessas oportunidades.

A aproximação da Europa a África, como ficou patente na recente Cimeira “Europa / África”, poderá transmitir aos Africanos um sinal de que não estão sozinhos nesta caminhada e que juntos, poderemos ser mais fortes face às adversidades.

Contudo, convém não esquecer, que muito há fazer da parte dos africanos e dos não africanos. Este trabalho de equipa é importante, para que as interrogações e as preocupações possam ser mais facilmente superadas.

É necessário que a luta pela dignificação das populações continue, com o esforço de todos, “porque isso aproveita à África e aos Africanos”.¹

¹ Vítor Ramalho, “África que futuro?”, p38.



ABSTRACT

The 21st century – does africa bet on the future?

The 21st century is the moment for great opportunities for the World and especially for Africa.

With the end of the 20th century, o world said goodbye to the “Old Man”, and is seeking to be reborn for a new stage.

With the end of the two world wars that ravaged the world, in particular Europe – the 1st and 2nd World Wars, and the end of the independence process for African countries, the time has come to build bridges that raise the human dimension of this “Blue Planet” to the highest sphere of human dignity.

The increasing commitment by Africa to training of qualified staff, good governance, the fight against poverty, conflict management, and respect for human rights could be signs of these opportunities.

The close relation between Europe and Africa, as was evident in the recent “Europe/Africa” summit, could convey to Africans a sign that they are not alone in this struggle, and that, together, we can be stronger in the face of adversities.

However, we should not forget that here is much to be done both by Africans and non Africans. This teamwork is important with a view to more easily overcoming doubts and worries.

It is necessary that the fight for the dignity of populations continues, with everybody's involvement, “*because it benefits Africa and Africans*”.²

Perspectivas para o Continente Africano no século XXI

O século XXI, poderá ser o período de grandes oportunidades para o Mundo, em especial para o Continente Africano.

Com o final do século XX, o Mundo *despediu-se* do “Homem Velho”, procurando renascer para uma nova etapa.

Terminadas as duas grandes catástrofes que assolaram o Mundo,

² Vítor Ramalho, “África que futuro?”, p38.

em especial a Europa – I e II Guerras Mundiais, terminado o processo de Independências Africanas, é chegada a hora de criar pontes que elevem a dimensão humana deste Planeta “Azul” à mais alta esfera da dignidade humana.

Terminada a II Guerra Mundial, houve a necessidade de reorganizar os países envolvidos, do ponto de vista humano, económico e social.

África, seria uma aposta de alguns dos países envolvidos na referida Guerra.

Mas, essa recorrência nem sempre foi feita de forma pacífica. Por um lado assistimos a um aceleração do processo colonizador, por outro, África seria utilizada como uma fonte privilegiada de matérias primas, sendo a “*forma mais eficaz*” de fazer face às debilidades económicas.

Após as independências, qual tem sido o papel dos novos Estados?

A autoridade é a capacidade de impor a ideia de Estado. A ideia de Estado é aquilo que possa ir para além da força bruta. Estados “*policiais*”, verificam-se nos países em que a ideia de Estado é pouco partilhada pela população. A ideia de Estado, é nestes casos mantida pela força.

Qualquer país pouco homogeneizado tem que ter um sistema e ideia de Estado. As ditaduras também têm ideia de Estado.

Quando se fala de Estado, é preciso ter bastante cuidado em relação ao sentido que se utiliza.

A imposição da ordem pode ser feita pela força. Quanto mais for partilhada a ideia de Estado, mais atenua a recorrência à força.

O Estado é simultaneamente a reivindicação da soberania sobre a população de um determinado território e o mecanismo pelo qual se impõe a reivindicação. Esse mecanismo tem uma componente ideológica e física, esta última só entra se a primeira falhar.

A democracia, regime implementado pelo Estado, sai reforçado quando entra em confronto com a sociedade civil vigorosa, capaz de reivindicar para si os interesses.

Alguns Estados em África, não têm conseguido posicionar-se como aglutinadores e não conseguiram estabelecer-se como produtores de ordem simbólica.

A democracia não se consegue implantar em países com várias culturas políticas. Contudo, é difícil estrapolar, uma vez que

países onde a democracia está bem implantada, a participação é reduzida.

A participação e a cultura política são importantes para África.

Por outro lado, o que se julgou, é que nos países independentes havia estratificações. Havia uma grande clivagem entre letrados e analfabetos; áreas rurais e urbanas; agricultores e funcionários, aqueles que tinham a sua sobrevivência com o que conseguiam produzir .

Com as independências, verificou-se que as coisas não eram bem assim.

A legitimidade dos novos países independentes resulta da sua luta anti-colonial, daquelas fronteiras que definira a própria colónia. As fronteiras não eram apenas um elemento de identificação para o exterior eram um elemento identificador.

*“Em África, a reflexão sobre a unidade dos povos do continente precedeu o período de consciência nacional nos quadros territoriais delimitados pelas fronteiras coloniais”.*³

Em toda a África há a ideia de identificar uma identidade própria nas fronteiras.

Os novos regimes Africanos depararam-se com duas coisas:

- 1– Povos com diversidade que punham a tónica na homogeneidade;
- 2– Fronteiras que eram essenciais.

Os novos países africanos nasceram à luz das fronteiras. Redesenhar fronteiras seria um processo violento.

A ideia de Estado procura estabelecer-se à medida que se procura estabelecer o aparelho de Estado.

Os países que acederam à independência, tinham adoptado o socialismo, como a ideologia do Estado.

³ Bernard Founou-Tchuigoua, “Crise Africana – Alternativas”, p.58.

Alguns países adoptaram o sistema de partido único, como foi o caso de São Tomé e Príncipe, dando origem a partir de 1991 ao multipartidarismo, abrindo assim as portas para a vivência de um Estado democrático.

Para além da consolidação da democracia, havia a necessidade de resolver as questões de índole económica.

O “*desenvolvimento da política antecede a política do desenvolvimento*” e o continente africano ainda enfrenta o problema de desenvolver a política. Trata-se, na essência, da existência ou não de condições para a consolidação das novas instituições políticas, sem as quais, como a experiência o demonstra, qualquer tentativa no sentido do desenvolvimento socio-económico estará bastante fragilizada.

*“A cooperação para o desenvolvimento tem conduzido, por outro lado, ao surgimento de novos parceiros económicos, que desempenham um papel cada vez mais dinâmico e geram, nos nossos países, novas correntes de trocas comerciais, novos investimentos e novos empregos”.*⁴

O apoio concedido aos esforços de desenvolvimento reflecte a preocupação permanente pela dignidade humana e bem estar dos seus semelhantes.

Apesar das evoluções mais ou menos favoráveis, ainda, a maior parte da população africana vive num estado de extrema pobreza.

Deve-se procurar explorar as potencialidades do continente africano, como diz Schumpeter, “*quanto à introdução de um novo bem, terá que ser com o qual os consumidores não estejam ainda familiarizados ou uma nova qualidade de um bem*”.⁵

Falar de desenvolvimento em África, deve-se no meu entender, ter em linha de conta, dois conceitos – *Desenvolvimento Humano e Desenvolvimento Integrado*. O Desenvolvimento Humano, é o mais recente, mas não o menos trabalhado. Por exemplo, no Relatório do PNUD de 1990, sobre o Desenvolvimento Humano, há a preocupação de encontrar novos indicadores e incorporar todos os outros conceitos. No princípio de 90, o conceito de desenvolvimento era ainda muito ligado às necessidades básicas. Posteriormente, o conceito de desenvolvimento foi enriquecido com o conceito de participação (*eleições*).

⁴ OCDE / CAD, “O Papel da Cooperação para o Desenvolvimento no Limiar do Século XXI”, p.26.

⁵ François Perroux, “La Pensée Économique de Joseph Schumpeter”, Genève, [s.p.].

Por outro lado, há a necessidade de ter em conta as assimetrias *homens / mulheres, rurais / urbanos* e ver aquilo que contribui para o desenvolvimento.

Um outro “*conceito*”, que os políticos devem ter em conta, na definição de estratégias políticas, económicas e sociais, é o do *Desenvolvimento Integrado*, no qual os governos devem ser capazes de articular as dimensões da vida em sociedade – *política, económica e social* e por outro lado articular as três dimensões em que o ser humano se realiza: *indivíduo, grupo e cosmos*.

Existem actualmente estratégias que conduzem ao sucesso. A experiência mostra que um desenvolvimento sustentado e uma cooperação eficaz, assentam na existência de um certo número de elementos fundamentais:

- um contexto político adequado, favorável à estabilidade e ao crescimento económico, com pleno espaço de manobra para um sector privado forte com uma base fiscal correcta;
- investimentos no desenvolvimento social, nomeadamente, na educação, nos cuidados de saúde primários e em actividades relacionadas com a população;
- reforço da participação de todos os cidadãos, em particular as mulheres, na vida económica e política e redução das desigualdades sociais;
- boa gestão do sector público, instituições democráticas e responsáveis, protecção dos direitos humanos e respeito pelo Estado de Direito;
- práticas que respeitem o ambiente;
- esforço no sentido de solucionar as causas de potenciais conflitos, limitar as despesas militares e orientar o processo de reconstrução e consolidação da paz, com vista a uma reconciliação, (*como é o caso de Darfur*) e um desenvolvimento durável.

Uma das grandes apostas essenciais em África para o Século XXI, prende-se com a formação e valorização dos recursos humanos.

“Actualmente, em plena era do processo de globalização, as tecnologias da informação constituem uma via para o crescimento e desenvolvimento, baseado no conhecimento, mesmo para os países

mais pobres. Criam novas oportunidades económicas, novas oportunidades de emprego, mas exigem um forte investimento na educação a nível estatal e pessoal.⁶

“A consolidação do poder nas sociedades africanas assenta na capacidade distributiva dos agentes do poder, o que valoriza o papel dos canais de cooperação”.⁷

“Em África, a articulação entre o nacional e o mundial depende ainda muito da ajuda internacional. Mas esta está a mudar, apontando para a diminuição da ajuda e uma maior intervenção do capital privado”.⁸

Por outro lado, *“confirma-se uma vez mais a urgência de reformas em todos os planos da actividade governativa africana. Mas, ao mesmo tempo, torna-se também evidente a necessidade de uma redefinição da política dos países desenvolvidos, nomeadamente europeus, onde a filosofia da “causa pública” e a concepção mais nobre do “interesse do Estado-Nação” tem vindo a ser debilitada”*.⁹

Uma das grandes apostas para a melhoria da vida das populações em África para este século XXI, são os progressos no que diz respeito ao avanço na erradicação da malária.¹⁰

Uma das preocupações para este século XXI em África, prende-se com a falta de alimentos e conseqüentemente um aumento do preço dos mesmos devido à enorme procura.

Um outro constrangimento em África, neste século, prende-se com o facto de existir um desrespeito pelos direitos humanos, devendo-se apostar na promoção da dignidade humana.

O africano, antes de africano, é um ser humano e como tal deve ser tratado, merecedor de todo o respeito.

As guerras, os refugiados, são atentados aos direitos humanos, que não podemos ignorar, nem permitir que continue e possa acontecer.

⁶ Manuela Cardoso, “Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe”, p. 105.

⁷ Rui Moreira de Carvalho, “Compreender África: teorias e práticas de gestão”, p. 37.

⁸ Adelino Torres, “Horizontes do Desenvolvimento Africano no Limiar do Século XXI”, p. 220.

⁹ *Idem*, p. 230.

¹⁰ “A investigadora Gabriela Gomes em conjunto com a equipa de Epidemiologia Teórica do IGC desenvolveram um modelo matemático que, pela primeira vez, tem em conta o peso das infecções assintomáticas na distribuição da malária em diferentes populações. Os investigadores aplicaram o seu modelo a dados de admissões hospitalares pediátricas de oito zonas endémicas da África subsaariana, fornecidos pelos investigadores em campo. O modelo mostra que, contrariamente ao que se pensava, existe um limiar para a erradicação da malária em zonas de transmissão moderada”, in Fundação Calouste Gulbenkian, NewsLetter Abril 2008, nº 32, p. 6

Quando se fala do futuro de África, atrevo-me a apresentar duas leituras:

A primeira, prende-se com uma atitude pessimista, em que nada se poderá fazer, já não há remédio – havendo uma tentação para o conformismo.

Uma segunda, prende-se com uma atitude optimista, em que se pode fazer alguma coisa – uma certa utopia – dirão alguns.

Revejo-me nesta segunda leitura, na medida em que acredito ser possível alterar as situações menos boas em África, entre as quais, os conflitos e as lutas desenfreadas pelo poder, como é o caso chocante de *Darfur*.

Para isto, mais do que discursos, é necessário acção. Como disse, noutra contexto, o Presidente da República Portuguesa, Prof. Doutor Aníbal Cavaco Silva, “*estamos a falar da criação de novos estilos de vida e de não continuarmos a tentar enfrentar os problemas do século XXI com as soluções do século XX*”.¹¹

Esta frase do Presidente da República deve ser um estímulo para não baixarmos os braços e vencermos os nossos preconceitos e acomodações a situações que julgamos não serem nossas.

Até que ponto, as soluções que se têm pensado para África são as mais correctas?

Ou será que deveríamos “*repensar África*”?¹²

Não se pode esquecer a recente “*Cimeira Europa-África*”, na perspectiva de em conjunto se ter construído uma visão partilhada sobre o desenvolvimento de África.

O sucesso desta *Cimeira* é um passo significativo para se pensar em África no século XXI, na medida em que foram elaboradas propostas políticas a longo prazo a fim de construir uma “*visão partilhada do diálogo Euro-Africano*”, tendo em conta os seguintes aspectos:

“Comércio e Desenvolvimento, Governação e Responsabilidade Mútua, Questões de Cooperação, Migração e Desenvolvimento”.¹³

¹¹ Discurso do Presidente da República Portuguesa, Prof. Doutor Aníbal Cavaco Silva na Sessão de Abertura do Fórum Gulbenkian de Saúde 2008/2009, 8 de Abril de 2008.

¹² Título da entrevista dada por Fernando Campos ao jornal “O SEMANÁRIO” por ocasião do / Congresso Internacional da África Lusófona, Maio 2007.

¹³ Projecto da Presidência da Plataforma Portuguesa das ONGD 2007.

Vítor Ramalho por seu turno acrescenta:

“Entendendo que a economia é precedida da política, estamos em crer que os elementos prospectivos para o futuro de África, evidenciados pelos macro-economistas podem ser invertidos. E podem sê-lo se houver por parte dos africanos, e sobretudo deles, vontade política em alterar este estado de coisas”.¹⁴

É necessário que a luta pela dignificação das populações continue, com o esforço de todos, *“porque isso aproveita à África e aos Africanos”*.¹⁵

A todos, lanço este repto: **“por favor preocupem-se”**.¹⁶

BIBLIOGRAFIA

ALBERDI, Jokin [et al], 2006, *África en el horizonte: introducción a la realidad socioeconómica del África Subsahariana*, Madrid, Catarata.

CAMPOS, Fernando, 2001, *Tese de Mestrado em Desenvolvimento Social e Económico em África: Análise e Gestão*, Lisboa, ISCTE.

CARDOSO, Manuela, 2007, *Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe: Educação e Infra-estruturas como factor de desenvolvimento*, Porto, Edições Afrontamento.

CHABAL, Patrick y DALOZ Jean-Pascal, 2001, *África Camina: El desorden como instrumento político*, Biblioteca de Estudos Africanos, Barcelona, Edicions Bellaterra.

FOUNOU-TCHUIGOA, Bernard, 1997, *Crise Africana – Alternativas*, trad. Francisco Martins Rodrigues, Lisboa, Edições Dinossauro.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, 2008, *O Tempo da Vida*, Lisboa, FCG.

¹⁴ Vítor Ramalho, “África que futuro?”, pp. 37-38.

¹⁵ Idem, p.38.

¹⁶ António de Almeida Santos, “Por favor preocupem-se”, 2ª. Ed., Lisboa, Editorial Notícias, 1998.

OCDE/CAD, 1996, *O Papel da Cooperação para o Desenvolvimento no Limiar do Século XXI*, [Lisboa].

PERROUX, François, [s.d.], *La Pensée Économique de Joseph Schumpeter*, Genève.

RAMALHO, Vítor, 1995, *África, que futuro?: Conferência*, Lisboa, Edições Cosmos.

SANTOS, António de Almeida, 1998, *Por favor preocupem-se*, Lisboa, Editorial Notícias.

TORRES, Adelino, 1998, *Horizontes do Desenvolvimento Africano no Limiar do Século XXI*, Lisboa, Vega Editora.

VENÂNCIO, José Carlos, 2000, *O Facto Africano: Elementos para uma Sociologia da África*, Lisboa, Vega Editora.